IMAGENS DA INDEPENDÊNCIA; SENSO COMUM, HISTORIOGRAFIA E USO DE FONTES EM SALA DE AULA

ADEBIANO PEREIRA[1]
https://orcid.org/0009-0003-8643-5717
adebiano.pereira@educacao.mg.gov.br

RESUMO
O trabalho que ora se apresenta é resultado de experiências realizadas em uma aula de História, com três turmas de 8º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes, no ano de 2024. A aula em questão buscou abordar as representações da independência do Brasil a partir de imagens de fontes e personagens históricos. O objetivo do trabalho foi detectar traços do senso comum presentes no corpo estudantil ao tentarem identificar quais fontes estariam ou não relacionadas à independência do Brasil e explorar abordagens diferenciadas para o uso de fontes em sala de aula. A partir da apresentação de cada uma das fontes como documentos/monumentos, ou seja, apresentando seu contexto de produção, os estudantes são levados a reflexão sobre quais motivos os fizeram crer que determinada imagem estaria ou não relacionada ao processo histórico estudado. Assim, são revelados traços do senso comum que nos levam a crer quais personagens consideramos passíveis de serem considerados "históricos" ou não. Acreditamos que tal experimento pode nos auxiliar na reflexão sobre o uso de fontes históricas nas aulas do ensino fundamental, no frutífero debate da relação entre o conhecimento histórico escolar e a "revolução documental", bem como historicizar o presente levando os estudantes a reconhecerem suas determinações sócio-culturais.
Palavras-chave: Ensino de História. Senso Comum. Uso de Fontes em Sala de Aula.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas muito tem se debatido sobre um compasso ou descompasso entre o ensino e pesquisa de História, sobretudo quanto à incorporação de técnicas próprias do campo acadêmico nas salas de aula da educação básica (PEREIRA; SEFFNER, 2008; MARTINS, 2023; MISTURA, 2019). O presente trabalho busca, através de um experimento realizado com fontes imagéticas, explorar tal debate que tem se colocado na ordem do dia ao se tratar dessa imbricada relação entre ensino e pesquisa em história. Assim, nossos objetivos são verificar a ideia de um senso comum hegemonizado nas turmas selecionadas e propor uma reflexão sobre quais motivos os levaram às conclusões apresentadas. Também nos importa explorar formas de uso de fontes históricas em sala de aula que estejam alinhadas à chamada "revolução documental" experimentada pela pesquisa em história desde a primeira metade do século XX (PEREIRA; SEFFNER, 2008, p. 114).

1 Adebiano Pereira é graduado em História pela UFJF (2012), instituição onde se tornou mestre (2016). Atualmente é professor da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e professor da rede municipal de Juiz de Fora. Atua com segmentos de Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio e tem desenvolvido estudos e pesquisas sobre ensino de História na educação básica.

O experimento registrado no presente trabalho foi realizado com três turmas do 8º ano do ensino fundamental na Escola Municipal CAIC Núbia Pereira de Magalhães Gomes, no ano letivo de 2024. As três turmas possuem cerca de 20 estudantes matriculados, todos entre 14 e 15 anos de idade. Todos vinham de uma mesma sequência didática retomando temas estudados meses antes como; as guerras napoleônicas, o bloqueio continental, as independências das colônias espanholas na América e o período joanino no Brasil. A sequência didática incluiu ainda uma visita ao Museu Mariano Procópio e a exibição da animação "Dom João Carioca". A atividade foi realizada sem aviso prévio e nas três turmas em sequência, não sendo possível a troca de informações entre os estudantes de turmas distintas.

As imagens foram selecionadas de modo a buscar personagens diversos, desde aqueles pouco lembrados nos estudos de tal objeto, que poderiam parecer inusitados aos olhos dos estudantes, até aqueles personagens e imagens mais tradicionais e presentes na produção cultural sobre a independência. As imagens são as seguintes: primeira, duas representações de Maria Felipa do álbum de figurinhas Eis a Bahia[2]; segunda, a pintura de Maria Quitéria de Domenico Failutti (1920)[3]; terceira, o retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo e seus filhos de Domenico Failutti (1921)[4]; quarta, A Proclamação da Independência, de François-René Moreaux (1844)[5]; quinta, Estudo para Estátua equestre de Dom Pedro I de Louis Rochet (1857)[6]; por fim, a imagem do quadro Independência ou Morte! de Pedro Américo (1888)[7].

Nosso procedimento foi buscar uma análise conjunta das obras com um duplo objetivo: primeiro, estabelecer a definição de algo próximo ao senso comum existente no corpo discente e proporcionar uma reflexão sobre as determinações sócio-culturais que

2 MENDONÇA, Gilberto. Representações de Maria Felipa no Álbum "Eis a Bahia". Fotografia. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62353785. Acesso em: 12 de out, 2024.
3 FAILUTTI, Domenico. Maria Quitéria. 1920. Óleo sobre tela 253,5 x 155 cm. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Domenico_Failutti_-_Maria_Quit%C3%A9ria.jpg. Acesso em: 12 de out, 2024.
4 FAILUTTI, Domenico. Retrato de Dona Leopoldina de Habsburgo e Seus Filhos. 1921. Óleo sobre tela 233 x 133 cm. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Failutti,_Domenico_-_Retrato_de_Dona_Leopoldina_de_Habsburgo_e_Seus_Filhos.jpg?uselang=pt#Licenciamento. Acesso em: 12 de out, 2024.
5 MOREAUX, François-René. A proclamação da Independência. 1844. Óleo sobre tela 244 x 383 cm. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Independencia_brasil_001.jpg. Acesso em: 12 de out, 2024.
6 ROCHET, Louis. Estudo para Estátua Equestre de Dom Pedro I. 1857. Bronze Fundido 124 x 125 x 56 cm. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Louis_Rochet_-_Estudo_para_Est%C3%A1tua_equestre_de_Dom_Pedro_I_01.jpg. Acesso em: 12 de out, 2024.
7 AMÉRICO, Pedro. Independência ou Morte! 1888. Óleo sobre tela 415 x 760 cm. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pedro_Am%C3%A9rico_-_Independ%C3%AAncia_ou_Morte _-_cores_ajustadas.jpg>. Acesso em: 12 de out, 2024.

levam às conclusões encontradas. Segundo, aproximar os estudantes de uma análise crítica das fontes como monumentos, como legados das gerações anteriores sobre as formas as quais gostariam de serem vistos pelas gerações futuras. Assim, nem o senso comum e nem as fontes seriam abordados como algo dado ou inocente, mas carregados de intencionalidade e historicidade. Deste modo, acreditamos trazer para dentro da sala de aula um pouco da revolução documental experimentada pela academia respeitando a natureza e a dinâmica do componente curricular de História.

2. A EXPERIÊNCIA

No início da aula em cada turma, os estudantes foram orientados de que seriam exibidas seis imagens às quais deveriam opinar sobre cada uma delas, se haviam ou não relação com a independência do Brasil. À medida em que apresentava cada uma das imagens fazíamos uma leitura coletiva da fonte identificando elementos e simbolismos presentes. Iniciamos a leitura de cada fonte perguntando o que víamos na imagem, a partir das respostas dos estudantes, colocamos novas questões e ponderações. Somente após julgarmos estar suficientemente explorada a imagem é que apresentamos seu contexto de produção e formulamos um placar no canto do quadro contando quantos julgavam a imagem ter ou não relação com a independência do Brasil.

Exibida a primeira imagem, os estudantes observam duas representações de uma mulher negra, uma fotografia e uma ilustração juntas na imagem. De pronto em uma das turmas uma estudante questiona se não é Dandara dos Palmares. Nego prontamente e já passo a explicação de que a imagem se referia a Maria Felipa, uma mulher da Bahia que do mesmo modo tinha a biografia envolta em mistérios. Sendo a imagem uma representação feita posteriormente e por isso poderiam encontrar a mesma imagem representando ambas as mulheres. Cerca de 80% dos estudantes apontaram que a representação de Maria Felipa não estaria relacionada à independência do Brasil.

Na segunda imagem Maria Quitéria é exibida em trajes militares, essa característica os estudantes captam rapidamente. Alguns argumentam que a imagem estava estranha, ao que alerto se tratar de uma mulher. Explicamos que a mulher se chama Maria Quitéria e teria fugido de uma fazenda no interior da Bahia para se alistar no exército tendo amplo reconhecimento em sua época. A imagem também se tratava de uma representação sem ter uma iconografia que a desse veracidade quanto a sua aparência. Aqui o placar oscilou, em uma turma foram unânimes em apontar que tal imagem não guardava qualquer relação com

a independência do Brasil, já as outras turmas o placar teve empate técnico.

A terceira imagem apresenta Leopoldina com cachos dourados, pele rosada e rodeada por cinco crianças. Ao serem questionados o que a imagem representava, uma estudante logo apontou “essa não tem nada a ver, é uma dona de casa”, ao que questionei; “vocês acham mesmo que essa mulher com essas roupas faria algum trabalho doméstico?” Todos chegaram à conclusão de que se tratava de uma mulher da nobreza, ao que expliquei se tratar da esposa de Pedro I. No placar, menos de 20% apontaram que ela teria alguma relação com o objeto estudado. A turma que na imagem anterior foi unânime em afirmar que Maria Quitéria não estaria relacionada à independência repetiu o placar ao apontar o mesmo sobre Leopoldina.

A partir da quarta imagem Pedro I passa a ser o protagonista. Na primeira de suas representações a tela de Moreaux causa confusão, alguns se antecipam e apontam que não teria como saber se o fato retratado está relacionado à independência ou a outro fato histórico, esclareço que as imagens não possuem a intenção de relacionar com nenhum outro processo histórico. Pergunto sobre quem seria o protagonista; “é aquele carinha lá, filho daquele que foi embora”. Ao que respondo: “sim, este é Pedro I, filho de Dom João VI que vimos anteriormente no final do filme Dom João Carioca”. Alguns concluem que por se tratar de um príncipe estaria relacionado ao processo histórico estudado. Em todas as turmas a afirmativa verdadeira atinge 50% ou mais. Todos concluem que a suposta independência é vista com clima de festa e Pedro I o grande personagem.

Na quinta imagem a falta de cores pode ter confundido muitos estudantes que tiveram maior dificuldade em ler o Estudo para a Estátua Equestre de Pedro I. Expliquei a proposta da estátua e o papel segurado pelo personagem representado. A mesma turma que apresentou rejeição à ideia de mulheres no processo de independência se viu dividida, já as demais deram mais de 90% dos votos afirmando que a imagem estava sim relacionada à independência. Por fim, o quadro Independência ou Morte! de Pedro Américo é apresentado. A imagem é lida em dois momentos, uma antes da votação e outra mais detalhada ao final da experiência. Muitos estudantes identificaram nas roupas da Guarda o capacete exposto no Museu Mariano Procópio. A tela é comparada com a obra de Moreaux, buscando explorar os diferentes sentidos e as sensações que ela evoca. Todas as turmas foram categóricas ao afirmar que a tela seria a representação da independência do Brasil.

Estamos certos de que este experimento sendo realizado em grupo sofre alterações, pois frequentemente os estudantes olham à sua volta antes de apresentar seu

posicionamento. Mas não julgamos ser desprezível a reflexão sobre as concepções apresentadas. De modo geral, o experimento confirma que as imagens relacionadas à figura de Pedro I são mais bem-aceitas como estando relacionadas à independência. No senso comum essa é uma história branca e masculina, não cabendo a participação de mulheres, negros ou pessoas que não estivessem inseridas na elite política e econômica.

Aqui cabe um esclarecimento sobre as circunstâncias sociais presentes no espaço escolar. Inserida em uma comunidade de forte presença negra, a escola tem na educação antirracista uma de suas características. Desde o ensino fundamental anos iniciais e suas oficinas extracurriculares, podemos observar projetos com este viés, acreditamos que por isso os estudantes tenham tido impacto na votação acerca das duas primeiras personagens, Maria Felipa e Maria Quitéria. No caso de Maria Felipa a associação dela com Dandara e a ideia de ser uma guerreira, já no caso de Maria Felipa, as roupas militares. O mesmo não aconteceu com a figura de Leopoldina, retratada de forma maternal. De posse desses resultados, parece claro que o senso comum apontou para a independência que tivesse uma característica majoritariamente masculina e indubitavelmente militarizada. Há ainda a constatação de uma certa confusão ao relacionar personagens da resistência à escravidão com a independência.

Apontei que todos os personagens representados estavam relacionados à independência do Brasil. A afirmativa causou certa celeuma em todas as três turmas. Alguns questionando: “como uma mulher com crianças no colo teria a ver com a independência?” Assim, retornei às três primeiras imagens apontando a participação de cada um dos seus personagens. Nas três últimas relacionadas a Pedro I apresentamos as diferentes formas em que o personagem foi retratado e os sentidos buscados pelos autores das obras. Enquanto repassava imagens fomos identificando o porque eles haviam feito as suas escolhas. Ficou mais claro para todos que, naquele espaço, compreendia-se a história como um ambiente masculino, mas que as mulheres negras (Maria Quitéria na tela de Failutti foi lida como uma mulher parda pelos estudantes) poderiam ter alguma entrada. Aqui nos parece se fazer presente o efeito dos projetos desenvolvidos na escola, visto que mulheres negras são vistas como passíveis de serem personagens históricas.

3. AS REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA E SEUS RESULTADOS

Seguro Pereira e Seffner (2008), o uso de fontes em sala de aula tem sido comumente usado como caráter de prova, ainda segundo os autores não podemos pensar que existe

uma determinação natural para o uso de fontes. Contudo, cremos que no experimento relatado as fontes cumprem um duplo papel; de auxiliar os estudantes a compreenderem suas determinações socioculturais ao expor a reflexão sobre as causas de julgar esta ou aquela imagem como passível de estar relacionada a um evento histórico e, não menos importante, descortinar camadas interpretativas das fontes que as colocam na posição de monumentos deixados por gerações anteriores para a construção intencional de uma determinada memória coletiva. Diante deste duplo papel da fonte em sala de aula, acreditamos que sua presença contribui para aproximar a experiência do estudo da História um pouco mais da ciência do que algo "decorativo".

Ao desvendar o contexto de produção de cada uma das imagens e apresentar contribuições de seus personagens ao objeto estudado, colocamos os estudantes em condições de historicizar seu presente. Visto que estiveram expostos aos motivos pelos quais julgaram quem deveria ou não ser personagem da história estudada. Considerando que a compreensão da historicidade de suas determinações socioculturais fundamenta a compreensão de si mesmos como agentes históricos, entendemos que aqui aproximamos a história escolar de algo que se afasta de uma narrativa dada em direção a uma história enquanto construção social. Tal opção nos parece estar em sintonia com a "atitude historiadora" ao usar fontes para colocar em questão os significados e estimular o conhecimento histórico em sala de aula (BNCC, 2018, p. 394).

Ainda segundo Pereira e Seffner (2008, p. 126) o uso de fontes na sala de aula deve servir para mostrar às novas gerações a complexidade do conhecimento histórico, sua natureza e especificidade. No caso da atividade relatada buscamos encarar as fontes como monumentos, ou seja, como rastros intencionais deixados pelas gerações passadas. A obra Independência ou Morte! de Pedro Américo, é demonstrada ao final do experimento como um instrumento de poder na construção da memória coletiva, ao retomar a obra apresentamos a célebre frase do pintor ao justificar suas escolhas "a história ensina mas não escraviza" e reanalisamos a obra em busca dos sentidos provocados. Esse procedimento serviu como ponto de partida para analisarmos o marco da independência como uma construção. Visto que, segundo Schwarcz, Stumpf e Lima Jr (2022), a data sequestrou o marco da independência em dois momentos singulares no século XX; em 1922, no centenário da independência pelo estado de São Paulo e, a segunda, em 1972, que o evento deixou de ser uma festa cívica e passa a ser protagonizado por paradas militares. Assim, a obra de Pedro Américo despretensiosamente foi alçada à representação mítica de um evento fundador.

Apresentada a trajetória da obra e sua historicidade nos afastamos do senso comum e nos aproximamos de um espaço da história enquanto ciência. Retomamos mais uma vez a Pereira e Seffner (2008, p. 118), que irão apontar que o tempo da disciplina escolar de História se aproxima mais das representações do senso comum do que da academia. Certamente não buscamos formar pequenos historiadores, contudo ousamos levantar uma ponderação, pois acreditamos ser necessário, sempre que possível afastar-se do senso comum no processo de ensino e aprendizagem. Partir dele para ancorar os conhecimentos prévios dos estudantes é fundamental, mas é necessário desconstruí-lo, levar os estudantes a questioná-lo, desnaturalizá-lo. Para tal, a aproximação com a ciência de referência parece ser um caminho profícuo, incorporar a revolução documental experimentada pela academia inserida em uma proposta pedagógica, obviamente respeitados as diferenças de natureza entre os objetivos da academia e da escola. Cremos que seria um bom modo de colocar em crise as noções de história que transitam no senso comum e apresentar a História como um discurso em disputa com outros tantos que auxiliam a situar os sujeitos em um determinado presente produzindo formas de sentir e estar no mundo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto acreditamos que tal experimento é capaz de incorporar elementos presentes nas inovações experimentadas pela pesquisa histórica em uma proposta pedagógica que dialoga com o senso comum presente no corpo discente. Usando representações hegemonizadas no grupo de estudantes ancoramos o conhecimento histórico buscando afastá-lo do lugar-comum e aproximando das inovações experimentadas pela ciência de referência. Aqui o uso de fontes se coloca como material para construção de suas próprias narrativas e desnaturalização do senso comum. Acreditamos que, deste modo, aproximando o ensino de História das inovações documentais experimentadas pela pesquisa em História, abandonando a ideia de documento-verdade da historiografia tradicional, estamos construindo uma historiografia escolar mais alinhada com o que se espera em seu próprio tempo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

MARTINS, MARCUS LEONARDO BOMFIM. **Conhecimento histórico escolar em tempos de negacionismo: dilemas éticos e experiências democráticas.** FRONTEIRAS: REVISTA CATARINENSE DE HISTÓRIA, v. 41, p. 53-68, 2023.

MISTURA, Letícia. **Entre tensões e proposições: um estado do conhecimento sobre**

a aprendizagem histórica no Brasil em dissertações e teses (2005-2018). 2019. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019.

LIMA JUNIOR, Carlos.; SCHWARCZ, Lilia M.; STUMPF, Lúcia K. **O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022, 378 p.

PEREIRA, N. M; SEFFNER, FERNANDO. **O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez. 2008.